
Entre faltas e excessos, a busca pela palavra

Solange Mittmann

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de Notas de Tradutores que tratam da busca pela palavra. Serão analisados dois casos. O primeiro é quando a interrupção do gesto de traduzir se dá porque o tradutor se depara com a falta da palavra adequada, precisando saturar o sentido que ficou em aberto. O segundo é quando o tradutor se depara com o excesso de sentido. Por isso, as notas denunciam seus embates durante o fazer tradutório, o que nos leva a uma reflexão sobre este complexo processo.

Palavras-chave: Nota do Tradutor. Sentido. Discurso.

Considerações iniciais

De repente, o fluxo do gesto tradutor se interrompe. É preciso parar, pensar, buscar, analisar, escolher... Mais que isso, é preciso explicar ao leitor, lançar uma nota de rodapé. Do outro lado da interlocução, o fluxo do gesto leitor também se interrompe. Uma marca no texto ordena que o olhar leitor desvie da linha, busque uma nota ao pé da página.

Para o analista de discurso, a Nota do Tradutor (N.T.) é a marca do gesto e, portanto, a marca do processo discursivo que gerou aquela tradução. O texto da N.T. materializa o discurso do tradutor sobre o processo tradutório e, por isso, tomamos "*como unidade de análise, como uma 'trilha', com suas pistas que apontam para o processo tradutório*" (MITTMANN, 1999, p. 169).

O rodapé marca um espaço reservado ao tradutor. Esta delimitação do espaço mostra a ilusão de que somente ali, no porão, encontra-se a voz do tradutor e de que no espaço nobre da página, no texto da tradução, estaria presente somente a voz do autor. Mas a própria nota, ao denunciar que há um processo tradutório gerador daquele texto, revela que lá também está a voz do tradutor.

A seguir, analisaremos dois fatores que levam à interrupção do gesto tradutor. São fatores que funcionam como justificativa nas e para as N.T.: a falta do dizer e a multiplicidade de sentidos.

A falta

A falta de que tratamos ocorre quando o tradutor, em seu desejo de "reprodução", não encontra na língua de chegada uma expressão equivalente à do texto original e que possa ocupar o mesmo lugar no texto da tradução.

A ilusão de que estamos lendo as palavras do autor do original, e não as do tradutor, acaba por significar a negação de todo o processo gerador da tradução. Sendo assim, o tropeço no gesto quebra esta ilusão e faz lembrar que um processo tradutório gerou aquele texto.

No tropeço dessa ilusão de que é possível a reprodução, quando a falta é expressa numa N.T., costuma-se imputar a culpa à incompetência do tradutor. O tradutor, por sua vez, costuma culpar as faltas da língua. É o que percebemos na N.T. que reproduzimos a seguir. (Todas as N.T. citadas serão marcadas por *, antecedidas por um trecho do texto da tradução e seguidas pela referência).

Deus não é certamente um ser sensorial como algum corpo visível ou palpavelmente limitado, como pedra, planta, animal, mas se quiséssemos negar a sensorialidade* de Deus só por causa disso, deveríamos negá-la também ao ar, à luz.

* *Sinnlichkeit* é em alemão o conjunto dos cinco sentidos. *Sinnlich* é tudo o que provém da percepção dos sentidos, em oposição ao que é intelectual, isto é, que provém da abstração, da inteligência. Não posso porém traduzir *Sinnlichkeit* por *sensibilidade*, porque em português se confunde com *emo-*

ção, sentimento etc. *Sentido*, no singular, confunde-se facilmente com *significado, finalidade; sensual* tornou-se sinônimo de *lascivo*. Para evitar tais ambigüidades, prefiro usar sempre *sensorial*, sendo mesmo obrigado a forjar o termo *sensorialidade* como seu substantivo correspondente. A culpa não é do tradutor; é da insuficiência de nosso idioma. Pode-se usar neste caso também *sensitivo e sensibilidade*.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989. p. 262.

Costuma-se dizer que a N.T. deve ser utilizada apenas para esclarecer um sentido que poderia ter ficado obscuro no texto da tradução. Mas, como é possível perceber com a nota acima, nem sempre a prática se limita à norma. A N.T. pode ser utilizada também para estabelecer um diálogo à parte entre o tradutor e o leitor. Aqui o tradutor reivindica o espaço para defender-se previamente de um comentário que parece iminente: de que ele teria sido incompetente na escolha da palavra "sensorialidade". Esse comentário imaginado/antecipado é fruto de um pré-construído sobre o processo tradutório como uma transferência de um mesmo sentido de uma língua para outra, negando a subjetividade presente no processo e desconsiderando a historicidade das línguas envolvidas. A nota mostra que teoricamente línguas diferentes significam diferentemente porque têm histórias diferentes. Esta historicidade é apresentada na nota acima como uma falta, como se a língua tivesse o dever de oferecer ao tradutor uma opção de equivalência, e não oferecesse. Falta, então, a palavra para que se possa dizer, ainda que a mesma língua ofereça muitas opções, inclusive a opção de criarem-se palavras. Assim, mesmo assinalando todas as opções oferecidas, o tradutor registra que há uma falta ("insuficiência do nosso idioma").

A falta do dizer é apresentada por Authier-Revuz (1990, p. 175) como uma não-coincidência entre as palavras e as coisas. É quando não se encontra a palavra certa, adequada para o que se quer dizer. No caso da tradução, é quando o tradutor não encontra a palavra que considera equivalente, isto é, que tenha uma relação de identidade com a palavra do texto original, apontando para o mesmo referente e que possa ocupar o mesmo lugar no texto da tradução, com o mesmo funcionamento.

Estudos e comentários de autores que seguem a concepção tradicional atentam constantemente para o fato do desconhecimento, por parte dos tradutores, de expressões na língua de chegada. Não é este desconhecimento que nos interessa aqui, mas a forma como o tradutor constrói seu discurso quando sente que lhe falta a palavra adequada.

Nunes (1994), ao analisar relatos de viajantes franceses sobre o Brasil, verificou que diante da falta de termos, em sua própria língua, para falar das coisas do Novo Mundo, que eram desconhecidas para

os leitores do Velho Mundo, utilizavam-se de palavras dos índios para nomear e faziam comparações com as coisas conhecidas do leitor, como objetos do Velho Mundo e partes do corpo. Havendo, portanto, uma inadequação das palavras às coisas, ou seja, uma não-coincidência entre as palavras e as coisas, os viajantes construíam "um espaço de nomeação, por meio de um trabalho que vai em direção à coincidência". O autor observa que deste "trajeto para nomear" resultou "a presença numerosa de formas como 'une espèce de', 'une sorte de'" (NUNES, 1994, p. 129-130).

Entre as N.T. também encontramos este tipo de expressão, denotando uma não-coincidência entre as palavras e as coisas, como podemos observar na seguinte nota:

Há a estória, com a seqüência no tempo - "e depois... e depois"; há os *ninepins** sobre os quais ele poderia contar a estória, uma estória animada e boa.

* Espécie de garrafas de madeira que servem de alvo para jogar boliche.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria H. Martins. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 52.

Aqui a expressão "espécie de" indica o sentimento de falta de um termo equivalente, o que acaba por levar a uma definição que tem a forma de comparação com objetos que seriam, supostamente, conhecidos pelo leitor ("garrafas").

Também encontramos este tipo de expressão aliando a classificação em um campo discursivo estabilizado, a ciência, à comparação com o conhecido, como podemos observar nesta nota:

Quando os filhotes de falcoeirás* pedem comida aos pais, dão bicadas num ponto brilhante vermelho situado perto da ponta do bico da ave adulta.

* Um tipo de gaivota (*Larus argentatus*)

MORRIS, Desmond. *A fauna humana*. Tradução de Arnaldo V. de Medeiros. Rio de Janeiro: Record, [19—]. p. 170.

Embora apontando para referentes que, supostamente, seriam reconhecidos pelo leitor ("garrafas" e "gaivota"), o uso das expressões "espécie de" e "um tipo de" demonstram a dificuldade em nomear, sendo necessário, então, saturar, acrescentando informações, através de um discurso científico ("*Larus argentatus*"), ou do uso que se faz da coisa ("servem de alvo para jogar boliche").

Esta saturação se deve à responsabilidade atribuída ao tradutor em não deixar espaços em aberto. A sua posição num lugar intermediário entre o autor e o leitor, que seria "retransmitir" na íntegra o discurso do autor, leva o tradutor à exigência de cumprir com eficiência seu papel, sem deixar espaços em branco. Tudo isso, é

claro, sob a ilusão de que o texto é uma unidade fechada, completa, sem buracos.

A comparação, evidenciando a não-coincidência entre as palavras e as coisas, bem como a relação com um leitor virtual que compartilha do mesmo meio e língua que o tradutor, podem ser vistas também nesta outra nota:

O corte ou as condições extasiantes produzidas pela ioga, *voodoo**, hipnotismo e certas práticas mágicas e religiosas

* Culto africano praticado pelos pretos do Haiti. Semelhante à nossa macumba.

MORRIS, Desmond. *A fauna humana*. Tradução de Arnaldo V. de Medeiros. Rio de Janeiro: Record, [19—]. p. 187.

A comparação evidencia tanto o sentimento de falta de uma relação direta entre um termo da língua brasileira e a coisa que se quer nomear, quanto a possibilidade de outros discursos com outras nomeações: se não há uma relação direta, há uma aproximação ao universo em que estão o tradutor e o leitor ("nossa"). Desta forma, a aproximação ao imaginário do leitor também é um recurso auxiliar na tentativa de saturação e controle do sentido.

A respeito deste texto, Santos (1979, p. 7) critica o recurso à N.T. e a explicação do tradutor, dizendo que a palavra "vodu" existe na língua portuguesa e afirma que "*é arriscado presumir que o leitor médio brasileiro não saiba o que é vodu*". Segundo o autor, este é um típico caso de nota "*em que o tradutor faz pouco da inteligência do leitor [...] e 'explica' o que se deduz sem dificuldade do texto*" (SANTOS, 1979, p. 5).

Vale ressaltar que essa não é a nossa perspectiva. Não nos importa criticar ou prescrever, mas analisar como se constroem os discursos dos tradutores através das N.T. E, nesse sentido, a N.T. já tão criticada – e às vezes até proibida por algumas editoras – torna-se um objeto rico para análise, principalmente quando foge ao padrão da maioria das N.T., como ocorre com a primeira nota citada acima.

O excesso

Além da falta, encontramos também a multiplicidade de sentidos expressa na N.T. As não-coincidências entre as palavras consigo mesmas num discurso podem aparecer sob duas formas: com a exclusão dos demais sentidos para a determinação de um sentido específico e com a integração da polissemia ao sentido (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 175). Vejamos como esta não-coincidência é apresentada nas N.T.

Na nota a seguir, encontramos a exclusão de um sentido para a afirmação de outro:

e exatamente por isso também não tendo por meu tema a psicologia abstrata mas sim a dramática*, ou seja, a psicologia relacionada somente com os objetos nos quais se manifesta a *psyché* do homem em sua totalidade, portanto, somente

em suas manifestações objetivas, em suas ações.

* Note-se que o sentido original da palavra grega *drama* é *ação* e não *tragédia*.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989. p. 288.

Diante das duas possibilidades de produção de sentidos pelo leitor, o tradutor rejeita, isto é, censura uma delas ("e não") para reafirmar a outra ("é"). Se nas notas anteriores tínhamos uma falta que precisava ser saturada, aqui temos um excesso que precisa ser restringido.

O excesso, a restrição e a censura também podem ser observados na nota a seguir:

A preocupação com insignificantes povos ágrafos*, que é a principal característica do trabalho antropológico, é a chave da sua importância na época atual.

* Em inglês, *nonliterate*, isto é, não letrados, sentido diferente de *iletrados*. Preferimos, entretanto, o termo *ágrafo*, cujo uso se vai tornando mais ou menos corrente, no sentido de povo que não conhece a escrita, nem alfabética, nem ideográfica. Fala-se também em povos pré-letrados, aqueles que já alcançaram uma fase da evolução em que possuem uma forma ainda que rudimentar de escrita não alfabética. De qualquer maneira, o que não cabe é o adjetivo *analfabeto*, que designa o indivíduo que, vivendo numa sociedade onde existe a escrita, não é capaz de usá-la.

KLUCKHOHN, Clyde. *Antropologia: um espelho para o homem*. Tradução de Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972. p. 22.

Nesta nota, encontramos o que Venuti chama de um "*deslizamento do significado na transição da língua-fonte para a língua-meta*" (VENUTI, 1995, p. 113). Esse deslizamento resulta, segundo o autor, num excesso de significação e, poderíamos dizer, num excesso de palavras ou expressões dentre as quais se incumbe o tradutor de "optar" por apenas uma. O tradutor opta por apenas uma palavra ("ágrafos"), mas na N.T., mostra que há outras possibilidades a serem levadas em conta pelo leitor da tradução ("não letrados", "pré-letrados"). Há, assim, um nível maior de reversibilidade entre tradutor e leitor na produção de sentidos, isto é, na interpretação. Por outro lado, busca um controle do sentido ao censurar duas das possibilidades ("iletrados" e "analfabeto").

Há ainda a possibilidade de o tradutor deixar a interpretação em aberto, como ocorre com esta nota:

Ora, o que *representa* uma cera virgem, sempre virgem, precedendo absolutamente qualquer impressão possível, sempre mais velha, porque intemporal, do que tudo aquilo que

parece afetá-la* para tomar forma *naquela* que *recebe*, entretanto, e pela mesma razão, sempre mais jovem, infante mesmo, acrônica e anacrônica, tão indeterminada que não suporta sequer o nome e a forma da cera?

* O verbo *affecter* tem, em francês, vários sentidos possíveis, entre os quais: 1. Afetar, simular, usar de afetação; desejar com grande ardor, praticar. 2. Provocar uma dor moral, um sentimento doloso, emocionar. 3. Destinar algo a alguém ou a alguma coisa, consagrar, atribuir. Portanto, outras leituras podem ser desencadeadas, a partir deste leque de escolhas.

DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Tradução de Nícia A. Bonatti. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p. 54.

Nesta nota, a tradutora não censura os sentidos. Ao contrário, deixa em aberto a interpretação do leitor, já que diz que há "vários sentidos, entre os quais" ela apresenta alguns. Há aqui um grau maior de reversibilidade, isto é, de possibilidades de interpretação por parte do leitor.

Souza, em um artigo que leva o interessante título "Quando traduzir é não interpretar", embora afirme que a relação entre sujeito e linguagem seja um fato interpretativo, o que leva a concluir que a tradução seja também uma interpretação, contraria a idéia que se tem de que o tradutor sempre esclarece e controla o sentido. Mostra, então, que, às vezes, o tradutor pode seguir o caminho inverso e não interpretar, ou seja, pode "*abrir-se às múltiplas formas de interpretação*" (SOUZA, 1996, p. 78).

Esta indeterminação, num pólo oposto ao da tentativa de controle, é o que encontramos na nota acima.

Considerações finais

Como foi possível observar com as notas acima, o tradutor pode não apenas explicar, ou fechar o sentido de uma palavra ou expressão do texto original ou do texto da tradução, mas também mostrar uma abertura à polissemia e à interpretação por parte do leitor. "*As N.T. se instauram como um discurso complementar, de extensão, que irrompe no fio discursivo. Como discurso complementar, as notas não fecham um ou outro espaço que ficou em aberto no texto da tradução, mas, ao contrário, mostram o caráter aberto do texto.*" (MITTMANN, 1999, p. 211). Quer dizer, mesmo as tentativas de fechamento, de controle e até de censura denunciam o caráter de abertura à interpretação.

As N.T. nos mostram também o constante embate por parte do tradutor com a falta ou o excesso de equivalentes na língua de chegada. Geralmente o tradutor é tachado de incompetente por não efetuar uma tradução linear, fiel, equivalente, quando se ignora que a falta e o excesso estão presentes não só no embate do tradutor entre as duas línguas, mas são constitutivos de cada língua:

A fuga dos enunciados, as brechas e deslizes que eles manifestam não devem ser imputados a enganos dos locutores, ou

a falhas de desempenho no domínio da língua; mas sim, a um traço próprio à organização da língua, que não exclui nem rejeita o que escapa a suas próprias leis de formação. Em outros termos: o que falta ou o que excede são constitutivos da estrutura, enquanto fatos lingüísticos incontornáveis. (FERREIRA, 1994, p. 114-115).

Se, como afirmamos anteriormente, a falta não é apenas uma falha do tradutor, mas um fato presente em todas as línguas, também o excesso, isto é, a polissemia, está presente em todas as línguas. Da mesma forma, podemos dizer que *"o equívoco não é um desvio da norma, mas é próprio da língua, próprio de toda interpretação, que sempre pode ser outra"* (MITTMANN, 2001, p. 107).

E a N.T. é um lugar privilegiado para o estudo do heterogêneo e do deslizamento, já que é o lugar onde o tradutor mostra o processo pelo qual passou para chegar ao texto da tradução, as alternativas encontradas e descartadas, as possibilidades que ficaram de fora, as interpretações e as imposições.

Assim, através destas operações encontradas nas N.T. analisadas quanto aos embates do tradutor com o dizer – na relação com a língua e com o processo tradutório – e que manifestam a falta ou o excesso, pudemos observar os deslizamentos, as ilusões subjetivas, de unidade e de reprodução presentes no processo tradutório enquanto processo de relação e de produção de sentidos.

E podemos afirmar que a tradução não é senão possibilidade: de que o sentido sempre seja outro, de que outros discursos sejam produzidos.

Contrariando a prescrição da concepção tradicional, o tradutor divide com o leitor as angústias, os embates que surgem durante o processo tradutório, através das N.T. As notas evidenciam a prática do tradutor durante o processo tradutório, em sua relação com o seu próprio discurso, denunciando os deslizamentos de sentido, a não transparência, não univocidade, ou seja, mostram que a interpretação é constituída pelo equívoco, sob a forma da falta e do excesso.

Abstract

This article aims at analyzing the translator's notes which focus on the search for meaning. Two cases will be analyzed. The first one refers to the interruption caused by the lack of an accurate word. In this sense, the meaning becomes saturated and incomplete. The second case relies on the interruption caused by excessive options of meaning. Therefore, the analysis of such notes indicates the translator's struggle for the meaning during the translating process which calls our attention on the complexity involved in the process.

Keywords: *Translator's Notes. Meaning. Discourse.*

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. La non-coïncidence interlocutive et ses reflets méta-énonciatifs. In: BERRENDONNER, A.; PARRET, H. (Org.). *L'interaction communicative*. Berne; Paris: Peter Lang, 1990.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambigüidade ao equívoco*. 1994. Tese (Doutorado em Lingüística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1994.

MITTMANN, Solange. *O processo tradutório: uma reflexão à luz da Análise do Discurso*. 1999. Tese (Doutorado)–PPG-Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. Tradução: uma questão de discurso, de língua e de equívoco. *Artextos*, Rio Grande, v. 12, p. 95-108, 2001.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas, SP: Unicamp, 1994.

SANTOS, Agenor Soares dos. N. do T.: quando se justifica e quando se impõe um comentário do tradutor. *Abrates*, Local, ano 4, n. 1, p. 5-8, mar./abr. 1979.

SOUZA, Pedro de. Quando traduzir é não interpretar. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, n. 1, p. 71-81, 1996.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. *Palavra*, Rio de Janeiro, n. 3, p.111-134, 1995.